FOTOGRAFAR O SÉCULO XVIII? HISTÓRIA E FOTOGRAFIA PELO TRAÇADO DE ARLETTE FARGE

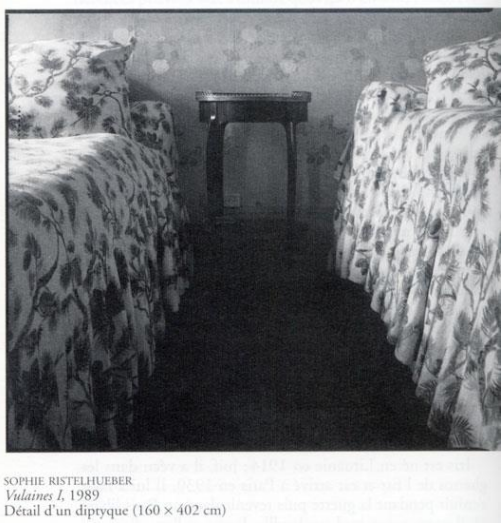
Marco Morel *

Quem percorre palavras e imagens do livro da historiadora francesa Arlette Farge, *La chambre à deux lits et le cordonnier de Tel-Aviv* (Paris : Seuil, 2000), uma coletânea de ensaios sobre fotos tiradas no século XX, pode transitar num curioso e instigante universo de percepções, criatividades, erudição e buscas. Sabemos que a fotografia foi inventada e expandiu-se a partir do século XIX. O livro não trata, evidentemente, de nenhuma "descoberta" de fotografias produzidas no século das *Luzes*, mas de um sutil e rigoroso ensaio no qual a autora trabalha com três temporalidades: imagens do século XX, arquivos do século XVIII e sua própria experiência de pesquisa e leitura visual e textual dessas duas materialidades, ou seja, papéis dos setecentos e ícones do fim do segundo milênio, aliando, assim, a sensibilidade estética a uma narrativa literária e à implacável trama das relações sociais - compreendidas num sentido amplo, afetivas inclusive, isto é, as que afetam.

Tal como uma viajante, impregnada das estranhas e estrangeiras vidas das camadas populares do século XVIII longamente pesquisadas, tentando auscultar suas entranhas, Arlette Farge percebe as fotografias palpitarem de movimentos de outros tempos: numa constante ida-e-vinda de uma margem à outra, ela se propõe a alimentar os que vivem no presente daquilo e daqueles que não desapareceram completamente, seguindo caminho com ambos. Rompida a equívoca dicotomia entre objetividade e subjetividade, a autora concentra-se na questão da vida doméstica e do corpo, de seus registros, sofrimentos e impactos nos modos de viver e de se organizar em sociedade, ou de como os corpos estavam (e estão) contidos e incontidos nos espaços a eles destinados.

* Professor do Departamento de História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e doutor em História pela Université de Paris I.

Izis
Le cordonnier, faubourg de Tel-Aviv
Israël, 1953



SOPHIE RISTELHUEBER
Valaines I, 1989
Détail d'un diptyque (160 × 402 cm)

A análise concentra-se em duas fotos. Uma, da oficina de um sapateiro em Tel-Aviv, de autoria de Izis. Outra, do despojado quarto de dois leitos, tirada por Sophie Ristelhueber. Na primeira, o "barulho" excessivo da desordem doméstica do século XVIII. Na outra, o racional e civilizado da vida privada do século XIX. Sem estereótipos ou compartimentos estanques, somos levados a compreender, com o olhar, a interação dialética entre as épocas libertina e vitoriana. O excesso e a falta, na lapidar expressão de Farge.

Afinal, o que um historiador consegue (ou pode) fazer diante de ícones? A multiplicidade de abordagens e "usos" tem aumentado, embora ainda longe de abranger a maioria dos historiadores. Sabemos, por exemplo, da história da imagem (pintura, cinema, fotografia etc.), da imagem como agente da história (ou seja, seu poder de intervenção), como testemunho (documento), como modo de discurso sobre o passado, sem esquecer a produção de suportes visuais pelo historiador ou a utilização de imagens do ensino da história [1].

Arlette Farge parece que inaugura mais uma possibilidade nesta relação historiador / imagens, seguindo à risca, aliás, a recomendação de um dos pais da *École des Annales*, Marc Bloch, ao alertar que a ciência histórica não deveria perder sua porção de poesia. O traçado palavra-imagem se desenrola, no livro,

[1] Ver a sistematização destas abordagens em Cristina Nova, "A 'História' diante dos desafios imagéticos", Projeto História 21. História e Imagem. São Paulo: Educ/Fapesp, PUC-SP, novembro 2000, p. 141 - 162. Para uma síntese mais ampla das principais tendências, Peter Burke, Visto y no visto. El uso de la imagen como documento histórico, Barcelona: Crítica, 2001.

em diálogo com Roland Barthes, Jacques Rancière, Jacques Revel, Daniel Roche e Michel Foucault.

Sem uma gota de anacronismo e conseguindo transitar pelos diferentes tempos, a autora compreende a fotografia como um canal que dá acesso às fundações invisíveis pelas quais estiveram seres e coisas povoando a terra, entre alegrias, vidas e mortes. Tratadas como testemunhas de um tempo não registrado por elas, as fotografias retêm, nessa perspectiva, algo desses traços do passado setecentista. Além da leitura das fotos, temos a visualização dos personagens dos papéis dos arquivos, presentes nos dossiês de polícia, no diário de um artesão do século XVIII, de relatos de cronistas sobre o cotidiano de pequenos conflitos e grandes dramas. Escândalos e rumores, mas também busca de estabilidade e sossego. A interpretação crítica e criativa das fotos é, dessa maneira, intercalada com a narrativa de casos de diferentes pessoas desconhecidas que deixaram sua marca, isto é, de suas emoções, temores, alegrias e sofrimentos, nos papéis dos arquivos e, mais tarde, nos papéis da fotografia.

Deixo aqui, propositalmente, um trecho do livro em que Farge molda o claro enigma, sem o afã de trazer as respostas pesadamente geométricas:

> *"C'est en ce sens qu'archive du XVIIIe siècle et photographie prise, d'un autre siècle, s'appuient l'une sur l'autre, se relaient afin que se pose la question suivante, légèrement énigmatique: pourquoi donc était-ce autrement là-bas et ailleurs, en même temps que relié (maillé) à nous par un large et souple système d'échos et de résonances qui bruissent de sensations." (p. 115)*

O livro traz ainda outros ensaios, na mesma linha e articulação, com a mesma fineza e vigor, como aquele que trata do caminho, da estrada e da água; da pausa; dos que dão as costas às suas pegadas; da lágrima; da singularidade; das águas dos olhos e da mulher com crianças.

Tomamos contato, através da obra da historiadora, com tragédias familiares, atritos entre vizinhos, desacordos entre vigilantes e vigiados, ocorridos em dias e noites do século XVIII e que teriam permanecido esquecidos entre tantos outros eventos, teias e violências, como em geral ocorre aos

rumores terríveis sucedidos por pesados silêncios. E nesse livro ensaístico podemos cotejar e visualizar essa história, humanizada, nas fotografias.

Não deixa de ser curioso o pouco conhecimento da obra de Arlette Farge no Brasil, país em geral tão aberto à historiografia francesa. Partindo da mesma geração e posição que Michelle Perrot, Farge é hoje uma das historiadoras mais difundidas num país de tantos historiadores, presente na mídia, no mercado editorial e nas instituições acadêmicas francesas. Embora, ao que parece, nunca tenha sido traduzida para o português. Entre seus trabalhos mais conhecidos, estão *Le désordre des familles* (em co-autoria com Michel Foucault), *La vie fragile. Violence, pouvoir et solidarités à Paris au XVIIIe siècle, Le goût de l'archive* e *Dire et mal dire. L'opinion publique au XVIIIe siècle*.

A história e os historiadores continuam a remodelar seus métodos, teorias e objetos, entre migalhas e totalizações, entre particularidades e generalizações, vivendo, hoje, numa sociedade tão gestual e midiática, mas ainda presos, em boa medida, à legitimidade do texto, da escrita. A fotografia, para Arlette Farge, é separação, enquanto a história busca preencher a ausência, ordenar as ondas, acalmar os mortos. Não houve fotografia no século XVIII, nenhum gesto, expressão ou momento ficou imobilizado pelo "clique" de um aparelho. Entretanto, como Alice entre espelhos, a historiadora nos diz que o passado sabe bastante sobre nós. E que nós temos, talvez, alguma chance de saber algo sobre ele.